

A propósito de A LITERATURA PORTUGUESA E AS NOVAS ORIENTAÇÕES CRÍTICAS

**Intervenção de JERUSA PIRES FERREIRA
(Professor da Universidade Federal da Bahia)**

Caros Colegas,

Quero registrar, ao lado do contentamento de estarmos juntos a presença de todo um mundo de perplexidades; bichos da terra tão pequenos nós e o nosso conjunto de inquietações. Primeiramente a que resulta de ser professores de Literatura, quando se delinham de saída os problemas:

- a) Diversidade de aproximação ao objeto de arte, enquanto tal.
- b) Critérios culturais e situação que nos permita definir e adequar este objeto.

Sugestivo é o fato de que esta perplexidade vai transparecendo aqui, a cada passo, nas múltiplas referências colocadas a salvar, recuperar, defesa, crise, que parecem mesmo ser as significações dominantes do nosso situar-se.

Partindo, portanto, para um problema dentre os muitos que nos envolvem e, cabendo-nos discutir a comunicação da Prof.^a Yara Frateschi Vielra, diremos que "A Literatura Portuguesa e as Novas Orientações Críticas" sugere a adoção de uma estratégia ou a revisão síntese de algumas táticas. Abrangente como propósito de crítica da crítica mas visando sobretudo um posicionamento diante do trabalhar com textos de Literatura, e no caso, a Portuguesa.

Declara a autora da comunicação a sua opção por discutir o caminho do recurso à Lingüística como disciplina auxiliar em busca de diagnóstico ou interpretação do texto, passando em seguida a analisar as Investidas sobre

a especificidade do literário, apontando como as várias abordagens críticas nem sempre são críticas mas sobretudo descritivas. Acho que não é bem assim, quando a partir da sugestão etimológica da palavra crítica, a própria escolha já indica uma tal operação.

No entanto, um importante problema teórico é colocado em discussão quando se trata do recurso freqüente e outras epistemologias para o que se pretenda como caminho, seja além disto para a psico, socio ou crítica filosófica. Deve-se sempre ressaltar (lembrando a lição trazida e não esgotada de Wellek e Warren em sua clássica "Teoria da Literatura") que, o que importa é que se entendam estes recursos como afluências, e mesmo como confluências para a aferição de uma realidade maior e específica, evitando que se transformem em meros pretextos ou que venham a substituir o alcance da prospecção, o objeto buscado quando da análise de coisa literária.

Conta a meu ver é que, não se podendo abrir mão de uma certa interdisciplinaridade, constata-se que não existe interdisciplinaridade sem conflitos ou contradições concluindo-se que ao trabalhar com o texto literário, o que não se poderá fazer será privilegiar o paradigmático em qualquer instância.

Northrop Frye em "O Caminho Crítico" menciona o problema do conflito da interdisciplinaridade, dizendo estar consciente para um possível desvio do específico da coisa buscada e menciona o fato de ter sido apontado como um crítico que extrai suas hipóteses da antropologia e da psicologia. Curioso, no entanto, é que ao longo do seu livro, termina enveredando pelos rumos que aponta como desvios e acaba muita vez por fazer Antropologia (em si mesma ampla e indefinida enquanto campo de prospecção). A autora analisa muito lucidamente este impasse tentando mostrar como ele transparece em alguns trabalhos, onde as propriedades detectadas passaram a ter estatuto de critérios, como os inoportunos de valoração estética, por exemplo. Detenho-me aqui para ver que a autora no momento em que considera os assuntos e reflete sobre táticas utilizadas, desloca-se sempre para a dificuldade de realização de método nos trabalhos considerados e não na dificuldade do método que discute.

Atentos devemos estar sempre para o fato de que, no campo particular da reflexão literária, não se trata de outra coisa mais do que da crise fundamental que conhece a cultura contemporânea (cite Serge Doubrovsky em "Crítica e Existência") parecendo-me bem claro que:

Vemo-nos todos diante da necessidade de uma "possível ciência da Literatura" desde quando não nos saberíamos movimentar sem o seu apoio e não teríamos porque fazê-lo, mas ao mesmo tempo não temos o exato caminho de como a ela chegar, e mesmo aí chegando, são indecisas as opções no que toca à sua aplicação. Assim é que me parece um tanto otimista a proposta da autora, sugerindo que se encontre a "fórmula que permita esta colaboração interdisciplinar", no caso referindo-se à aproximação lingüística. Mas é preciso que se diga que esta perplexidade se faz a nossa

experiência, que desta procura que compreende atos de atração ou rejeição se arma o nosso aparelho crítico.

Ocorre-me que, cada um de nós, é um professor de Teoria da Literatura, que se aplica num território de expressão vernácula contando para a realização de suas tarefas como o recurso de índices contextuais e intertextuais, com a percepção de uma certa especificidade (não agora do literário em si) mas deste território pisado, que tanto quanto possível interfira sempre no esclarecimento do que se busque demonstrar.

A "estrutura" que se procura aferir (lembrando que toda estrutura é uma hipótese e não uma entidade autônoma em si), quer se operem cortes verticais na própria obra ou se estabeleça um roteiro por um conjunto, implicando em certa horizontalidade descritiva, assim o exige.

Acho que só faz sentido sermos professores de Literatura Portuguesa na medida em que o estejamos sendo, não fazendo dela um pretexto para a aplicação de teorias, mas cultivando e ampliando um aparelho conceitual que, por mais que negue "ismos", deve ser o resultado de permanente reflexão sobre o texto, como uma estrutura complexa, empírica e ao mesmo tempo lógica, em que se procure ser coerente com os próprios propósitos de explicar; quando se possa adequar a nossa visão de mundo à que aí vem expressa, o encontro desta percepção à observação objetiva de comportamentos próprios reveladores daquela cultura em um momento ou de processos e manifestações que têm a ver com vários momentos de sua história, mantida uma coerência e ajuste de princípios, sabendo-se que, o que está em causa, é sobretudo a dimensão específica da obra (distância interior, "profundeur poétique" ou espaço literário).

A perplexidade, reflexão de crise, exemplo de um caminho percorrido com equívocos foi muito bem prototipada na comunicação, quando da escolha pela autora dos trabalhos de Roman Jakobson sobre Fernando Pessoa e Martim Codax que clarificam e corroboram no conjunto de suas falhas, a opinião que se seguiu até aqui, ela e eu de acordo, a necessidade de uma teoria sempre aplicada à compreensão do contextual e conseqüentemente também do intertextual. Ali pelo contrário e diga-se que se trata de um exercício de R.J., aplicado como um coelho que se tira da cartola. Faltava-lhe o conhecimento da cultura a que se referem os textos analisados, a própria sabedoria no manejo da língua portuguesa e então sim "a pátria do texto é a língua portuguesa".

Observa-se sobretudo na presente comunicação o seguimento de um caminho crítico, que vem sendo colocado aqui com a intenção de afastar equívocos, ponto em que a autora se define ao empreender um trabalho coerente, o tanto quanto possível conciliador de tendências da moderna crítica lingüística, como o faz em "Níveis de Significação no Romance". Aliás aproveito para fazer uma defesa desta sua posição eclética que também é a que assumo.

Paul Zumthor, por exemplo, não hesita em conciliar conceitos provenientes de "estruturalismos estáticos" a conceitos generativos, da produção do

texto à observação de seu contínuo engendramento (Kristeva). Diz-nos ele que o texto é assim um acontecimento, uma informação nova surgida do cruzamento de várias linhas de realidade que nele se abolem como tais. Mas elas engendram uma conotação global que reproduz, de maneira em princípio imprevisível a relação vivida dos homens ao mundo e eles mesmos. (Zumthor, *Essai de Poétique Médiévale*, 1972, pág. 26).

Em relação ao exercício crítico da autora da comunicação que se discute, depreende-se pois que o seu objetivo é observar como o romance realiza em nível de discurso a noção de transformação, (Níveis de Significação no Romance, pág. 15) fazendo a conciliação do conciliável sob ponto de vista metodológico. Não recusa por exemplo a esclarecimento teórico trazido por Greimas, para além de formas e formalismos, de um Bakhtine ao lado dos de Eduardo Lourenço em seu discurso poético culturalista.

Chegamos assim ao ponto teórico que me parece mais importante do problema em pauta.

Ao discutir a posição da poética gerativa considera a relativização do alcance do seu modelo e acho eu que nesta, ou em qualquer outra posição crítica assumida só poderá acontecer assim, ao adotar-se um modelo qualquer. Neste sentido é que Roland Barthes, em "Roland Barthes par lui même", híbrido e percuciente modelo para armar, montagem romanesca-retórica, subjetiva concomitantemente, vê a literatura como uma mathesis. Representa ela um mundo infinito de linguagem e como tal só captável sob modelização muito relativa.

A título de curiosidade, gostaria de mencionar o fato de os dois colegas de mesa terem escrito trabalhos sobre José Regio que revelam estuante diversidade de aproximação. Luís Piva recusa a contribuição da interveniência lingüística enquanto método, e opta pelo encontro hermenêutico com o universo do escritor.

Quanto à autora em sua "verdadeira" declaração de intenções parece excessivamente nítida que seu objetivo, em nenhum momento foi a negação da possibilidade de um trabalho conjunto de Lingüística com o que chama de Estudos Literários, mas antes pelo contrário.

Coloca sob o seu foco trabalhos que contam este tipo de aproximação e faz a crítica genérica do muito que se tem publicado sob o uso às vezes equivoco deste instrumento, aplicado no caso à Literatura Portuguesa.

Tenta alcançar determinadas investidas passíveis de reformulações e sobretudo revela-nos ter a consciência de que o exercício formal não pode e nem deve substituir a ideologia, por um lado de quem busca, por outro de quem se oferece.

Estou plenamente de acordo, quando ao analisar processos ditos estruturalistas ou transformacionistas, ao constatar como saldo a importância, aprofundamente e rigor conseguidos pelo intercurso da Lingüística como ciência complementar, termina por colocar em fase na contextualidade his-

tórica, defendendo uma posição que permita sempre um equacionamento sócio-cultural.

Ao encerrar, toca a autora num dos problemas mais esclarecedores da verificação objetiva do processo literário, seja o da intextualidade diacrônica.

Atinando para a importância desta intertextualidade explícita em poetas contemporâneos, como é o caso de Fíama Hasso, como poderia sem também Maria Tereza Horta, alcança a presença mágica da Intuição poética na crítica, a presença nunca desprezível dos críticos poetas, que num encontro de rituais pressupõem ritos e entendimentos para além de qualquer ciência.

Seu último parágrafo é a linha de consonância com a minha definição de investigador de Literatura, e em especial de Literatura Portuguesa, sempre voltada para a especificidade do objeto estudado em seu permanente relacionamento com índices culturais de várias ordens.